

Este número da *Revista de Letras da UFC* Este número da Revista de Letras dedica-se a pesquisas realizadas sob a perspectiva da Ecolinguística. Esse tema foi proposto após a realização do IV Encontro Brasileiro de Ecolinguística (IV EBE) na Universidade Federal do Ceará entre os dias 25 e 27 de junho de 2018. O evento contou com a participação de dois convidados estrangeiros, da Áustria e da Espanha, e de cinco convidados brasileiros, representando universidades do Goiás, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. O evento ainda teve apresentações de 40 trabalhos científicos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Muitos dos trabalhos que compõem este número da Revista de Letras foram apresentados no IV EBE.

Abrindo este número da Revista, Alwin Fill, da Universidade de Graz, na Áustria, faz um apanhado histórico do surgimento e do desenvolvimento da Ecolinguística, e ainda discute seu status atual. Em *Ecolinguistics: its origin and its evolution in the 21st century*, Fill resenha artigos publicados e eventos científicos, incluindo os Encontros Brasileiros de Ecolinguística anteriores.

O segundo autor, Pere Comellas-Casanova, da Universidade de Barcelona, Espanha, apresenta o artigo *O ecossistema linguístico catalão e os discursos contrários à revitalização*. Em seu texto, ele expõe o movimento de revitalização do catalão na Espanha, defendido pela visão ecológica da linguística, e mostra como esse movimento provoca reações contrárias, com discursos diversófobos, “que consideram a diversidade linguística como um problema”, e hierarquiza-dores, “que afirmam a superioridade de certas línguas”.

Os três artigos que seguem são trabalhos apresentados em uma mesa redonda no IV EBE que tinha por objetivo explorar a interface entre a Ecolinguística, em especial a sua versão de Sistema Ecolinguístico, e a Teoria de Sistemas Dinâmicos, Adaptativos e Complexos. Em *Fonologia: argumentos em prol de uma fonética-fonologia ecossistêmica*, Hildo do Couto, precursor da Ecolinguística no Brasil e idealizador do Encontros Brasileiros de Ecolinguística, defende a pesquisa sobre o sistema sonoro sem separar a fonética da fonologia, enxergando ambas como parte de um único ecossistema linguístico. Ainda no âmbito do sistema sonoro, mas agora de língua estrangeira, Ubiratã Alves apresenta uma proposta para caracterizar o construto de “inteligibilidade da fala em língua estrangeira” a partir de uma visão ecológica em seu artigo *Desafios e implicações de uma caracterização ecológica para o construto ‘inteligibilidade da fala em língua estrangeira’: reflexões preliminares*. Para fechar o tema proposto nessa mesa redonda, Marco Antônio de Oliveira propõe um diálogo entre a ecolinguística e a visão de língua como sistema adaptativo complexo, trazendo à tona conceitos convergentes de ambas as perspectivas epistemológicas.

Em *Abordagem linguístico-ecossistêmica da linguagem rural: uma primeira aproximação*, Elza do Couto apresenta uma análise de dados preliminar do dialeto rural brasileiro falado em Major Porto, município de Patos de Minas. A análise foi realizada com base na linguística ecossistêmica e enfatiza o que o dialeto tem, e não o que está ausente nele em comparação à língua dita padrão.

Amalia Leites e Camila Dalcin contribuíram para este número com o artigo *Horacio Quiroga: aproximações entre a transculturação narrativa e a ecolinguística na análise do discurso literário*, no qual analisaram o conto *Os desterrados*, de Horácio Quiroga, com base na Ecolinguística. Elas buscaram verificar as dimensões naturais, mentais e sociais dos personagens em relação ao espaço e tempo, levando ainda em consideração o conceito de território.

Em *Avatares: o uso de máscaras digitais em simulacros virtuais*, Anderson da Silva desafia o tripé básico da ecolinguística (interação entre uma população, uma língua e um território) na comunicação virtual, uma vez que no meio virtual não há o território prototípico, mas um simulacro virtual. O autor discute possibilidades de se conceituar esse tipo de interação comunicativa dentro de uma perspectiva ecológica.

Beatriz Toledo, em *Reflexos da ação humana sobre o ambiente físico em mitos de origem de povos ameríndios*, analisa alguns mitos dos povos Xokleng e Kaingang (povos indígenas brasileiros) e dos povos Navajo e Mandan (povos indígenas norte-americanos) sob uma perspectiva da ecolinguística. A autora constata que há uma relação entre a representação do subterrâneo em mitos desses povos e registros arqueológicos de habitações subterrâneas em locais habitados por ancestrais desses povos.

O artigo coautorado por Cláudia Araújo e Elza do Couto, *Espelho, espelho meu: um estudo sobre o corpo na revista Boa Forma*, está inserido na Análise do Discurso Ecológica e utiliza conceitos da Ecologia da Interação Comunicativa para analisar dados de uma matéria da Revista Boa Forma de 2017. Com o intuito de verificar os efeitos de sentido produzidos, as autoras verificam que a interação entre a revista e a leitora extrapola o periódico, levando à modificação de comportamento.

Em *Revisitando a ecolexicografia*, Davi Albuquerque sugere ampliar a proposta original de ecolexicografia, tanto em seu arcabouço teórico como em suas possibilidades metodológicas, utilizando-se de conceitos da linguística ecossistêmica. Em sua argumentação há a proposta de uma Metaecolexicografia.

Coautorado por Davi Albuquerque, Mahnaz Dastenaee e Hamideh Poshtvan, o artigo *Toponyms in Ecolinguistics: contrasts in different strategies of naming places in Iran and Brazil* destaca como a forma de nomear locais pode revelar

informações sobre o povo, seu território e sua língua, reforçando a necessidade de se analisar dados toponímicos sob uma perspectiva ecolinguística. Para tanto, são apresentados dados de um ambiente linguístico no Brasil e de outro no Irã.

No artigo de Diego Forte, *De la naturaleza a su mesa: borrarmento, naturalización y deconstrucción en el conflicto Cresta Roja*, há uma análise da construção do discurso acerca de animais não humanos, especificamente do apagamento e reificação da identidade animal pela mídia geral e da sua restituição por ativistas. Foi realizada uma análise de dois textos audiovisuais, incluindo análises das imagens, expressões faciais e elementos musicais dos vídeos.

A curradeira enquanto expressão cultural do cerrado, de João Avelar Filho, faz uma correlação entre os ecossistemas natural e cultural ao analisar a dança da Curradeira, que é uma manifestação cultural do Cerrado. Por meio de preceitos da ecolinguística, o autor verifica que padrões da dança demonstram a necessidade de preservação e revitalização cultural e socioambiental.

No artigo intitulado *O topônimo cerrado: considerações ecolinguísticas acerca do termo*, Kênia Siqueira demonstra como o termo *cerrado* extrapolou seu uso exclusivamente descritivo de um bioma para o uso referencial de todo um espaço geográfico, mesmo que não tenha característica do bioma cerrado. A autora ainda verifica como esse termo pode se consolidar como elemento identitário de um povo, possibilitando uma discussão sobre a identidade cerradeira.

Em *Construções tautológicas: tradição gramatical, lógica e argumentação*, Leosmar da Silva e Márcia Nogueira argumentam que estruturas tautológicas não são vazias de informação, como são consideradas em análises tradicionais, mas que auxiliam na argumentação do enunciador. Para chegarem a essa proposta, os autores analisaram dados coletados na Internet por meio de um programa computacional.

Lutiana Casaroli e Elza do Couto analisam, em *A ecologia da interação comunicativa no jornal "o popular"*, uma edição específica desse jornal no qual é explorada a mídia jornalística. Com os pressupostos teórico-metodológicos da Ecologia da Interação Comunicativa, as autoras concluem que, mesmo não se tratando de uma comunicação tradicional, "o cerne da linguagem é mantido", garantindo atos de interação comunicativa.

Na contribuição de Maria Célia de Castro e Gisélia dos Santos intitulada *Maranhense. E por que não timbira? Os adjetivos pátrios e gentílicos à luz da ecolinguística*, as autoras investigam, por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, exploratória e explicativa, como adjetivos pátrios e gentílicos são tratados em algumas gramáticas tradicionais e modernas. Os resultados mostram que essas obras tendem a ignorar os adjetivos gentílicos, por questões que envolvem políticas linguísticas.

O trabalho de Natália Reis e Elza do Couto, cujo título é *A ecolinguística e o espaço urbano: uma análise de fachadas comerciais da cidade de Goiânia, Goiás*, analisa paisagens linguísticas de fachadas comerciais de Goiânia, enfatizando recursos semióticos. O conteúdo foi produzido a partir de registros fotográficos realizados em uma região central e outra periférica da cidade, e os resultados mostram uma diversidade linguístico-cultural, pois em regiões centrais as mensagens tendem a ser mais globais e impessoais, enquanto que nas periféricas, mais locais e pessoais.

O artigo *Alsácia e Martinica: os contatos que originaram o atual cenário linguístico francês*, assinado por Pedrita Mello e Pierre Guisan, faz uma análise de formações linguísticas em dois territórios franceses, a região da Alsácia, que faz fronteira com a Alemanha, e o departamento ultramarino da Martinica, uma ilha entre o mar do Caribe e o oceano Atlântico. Nele os autores comparam como os contatos que originaram as línguas *alsacien* e *créole martiniquais* as influenciaram, e como elas e seus falantes se comportaram em relação a políticas linguísticas desde a Revolução de 1789.

Em *Festival do Çairé/Sairé em Alter do Chão: o homen, o lugar e a língua*, Sirlene Costa analisa algumas das atividades culturais do Festival de Çairé/Sairé em Alter do Chão, no Pará. A autora busca observar a relação entre ecossistema linguístico e meio ambiente, sob a perspectiva da Ecolinguística, considerando a tríade de língua (L), população (P) e território (T).

O trabalho de Wesley de Araújo, *Pensando a adaptação de intérpretes em um ecossistema cultural no além-mar: reflexões iniciais*, amparado no Ecossistema Cultural, investiga aspectos do contato entre intérpretes franceses e os índios tupinambás no Rio de Janeiro no século XVI, bem como do contato dos portugueses e nativos da atual Gâmbia, iniciado também no século XVI. No texto, o autor busca verificar, de maneira holística, as diversas formas de contato entre esses indivíduos e suas consequências.

Este número é fechado com o artigo de Zilda Pinheiro, que, fundamentada no Ecossistema Linguístico e no Ecossistema Cultural, explora, em seu artigo *Língua, cultura e cerveja: um estudo ecolinguístico de rótulos de cerveja artesanal*, a interação entre língua e cultura. O seu intuito foi verificar os rótulos de cervejas artesanais produzidas no Brasil para interpretar seus aspectos mentais, naturais e sociais.

Este número apresenta a multiplicidade de temas que podem ser pesquisados por meio da Ecolinguística, uma vez que se trata de um conceito holístico de língua em uso. Os trabalhos selecionados para este número servem tanto a função de divulgar pesquisas científicas como de promover um conhecimento mais amplo da Ecolinguística e da Linguística Ecolinguística.

Ronaldo Lima Jr.
Universidade Federal do Ceará
(Organizador)